

CAMINHOS ENTRE A HISTÓRIA ORAL E PÚBLICA NA HISTÓRIA DE VIDA DE PROFESSORAS

Paths of the oral and public life in the history of professors.

Jocasta Luana Saldanha de Andrade⁸

RESUMO: Com as narrativas orais de professoras entrevistadas no projeto de pesquisa “Caminhos do ensino de História no Rio Grande do Norte: o saber e o fazer docente na educação básica (1970–2000)” da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e os recortes de suas falas e memórias, temos como objetivo evidenciar como o uso da história oral e pública contribuem para uma formação e reflexão da formação docente dos sujeitos. Para isso, dialogamos com os autores Aliny Pranto, Alessandro Portelli, António Nôvoa, Juniele Almeida e Ivor Goodson. Nossa metodologia usa a história oral tendo como fonte os diálogos trazidos pelas professoras/as entrevistadas. As narrativas, revelaram como a construção da formação do professor, está conectado com sua história de vida pessoal, seja pela sua escolha ou não, seja pela continuidade e manutenção de si na docência.

Palavras-chaves: Formação docente; história oral; história pública.

ABSTRACT: With the oral narratives of the teachers interviewed in the research project “Paths of history teaching in Rio Grande do Norte: knowledge and teaching in basic education (1970-2000)” at the Federal University of Rio Grande do Norte and the clippings of their speeches and memories, we wanted to show how the use of oral and public history contributes to the formation and reflection of the subjects' teacher training. To this end, we dialogued with the authors Aliny Pranto, Alessandro Portelli, António Nôvoa, Juniele Almeida and Ivor Goodson. Our methodology uses oral history as a source, using the dialogues brought up by the teachers interviewed. The narratives revealed how the construction of teacher training is connected to their personal life story, whether they choose it or not, or whether they continue and maintain themselves in teaching.

Keywords: Teacher training; oral history; public history.

INTRODUÇÃO

O objetivo do nosso trabalho foi buscar evidenciar como o uso da história oral

⁸ Pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; pós-graduação em educação bilíngue. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2898647096565740>. Contato: jocastandrade@hotmail.com.

e pública nas pesquisas em educação e história podem contribuir para a formação e reflexão docente dos professores/as. A partir, das narrativas orais e memórias, de professores e professoras que participaram do projeto de pesquisa “Caminhos do ensino de História no Rio Grande do Norte: o saber e o fazer docente na educação básica (1970–2000)” da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, que iniciou no ano de 2021 a 2023. O projeto foi desenvolvido pela professora doutora da UFRN Aliny Pranto, tendo duas participantes a autora deste artigo, na época aula de pedagogia da mesma universidade, assim como outra aluna de Pedagogia Maria Eduarda bolsista do projeto.

Iniciamos a pesquisa no período ainda convivendo com a COVID-19, e tivemos que realizar parte das entrevistas no formato remoto, pelo google meet, onde gerava a gravação em vídeo e posteriormente editamos o áudio. O objetivo pensando para o projeto era ouvir professores/as de história que atuaram no recorte histórico (1970–2000) na educação básica em Natal/RN, com o intuito possivelmente ter recortes na memória na vida de professores/as do período do Regime Ditatorial em nossa cidade e seus impactos tanto para o docente de história seja profissional quanto em sua vida pessoal.

Mas ao desenvolver nosso projeto com a história oral, com as ideias de autores como Portelli e Meihy, compreendemos as memórias dos narradores (professores/as) é que constroem o projeto em si, por mais que arquitetamos um projeto maior, os professores/as, com as suas lembranças, sentimentos e vivências acabam trazendo temas antes não pensados ou conhecidos pelo grupo de estudo, que foi incorporado para nosso projeto, as falas não são descartadas, fazem parte da construção da história de vida pessoal daquele professor/a. Então, o projeto inicia com um objetivo citado acima, mas surgem outras subtemáticas que refletem nas escolhas e trajetórias da formação e profissão do professor, a questão socioeconômica, a questão do gênero e as influências da família e outros docentes. Foram realizadas oito narrativas, quatro homens e quatro mulheres, os professores João Valença, Nadson dos Santos, Benjamin Capistrano e Luciano. E, as professoras, Miriam de Oliveira e Silva, Dione Ferreira, Andreia Regina e Maria do Socorro Batista. Esses foram os primeiros

professores/as que participaram do projeto, como co-autores, inicialmente. O projeto de pesquisa continua atualmente, com um novo formato, presencial, que acolhe uma variedade temática e um grupo de oito participantes.

Neste artigo, apresentaremos um recorte do início da nossa pesquisa, trazendo as falas dos narradores, mas a elaboração desses trabalhos, e o envolvimento da história pública, no momento que buscamos formas de tornar acessível e compartilhar a história de vida e formação dessas professoras, como ferramenta pedagógica para futuros professores. Para isso, dialogamos com os autores Aliny Pranto, Alessandro Portelli, António Nóvoa, Juniele Almeida e Ivor Goodson. Nossa metodologia usa a história oral tendo como fonte os diálogos trazidos pelas professoras/es entrevistadas.

A HISTÓRIA: ORAL E PÚBLICA

Em nossa pesquisa, seguimos as ideias de Goodson (2000) que aborda a questão da prática docente e a história oral, a voz dos professores como ponto central, quando abordamos, o professor/a enquanto sujeito atuante em sala, não apenas como um figurante. A voz do professor/a diz respeito a sua vida pessoal e profissional, quando falamos de mestres, não temos como separar público e privado, suas memórias e autobiografia, muitas vezes, expõe realidades sociais, políticas e culturais, que no olhar de investigadores são fontes de pesquisa da história da educação. Que refletem nas suas escolhas pelas carreiras e principalmente no seu fazer pedagógico em sala de aula. Durante, o fazer das entrevistas narrativas, sentar e aprender a ouvir as histórias, aparece sempre um sujeito na narrativa, “*tinha um professor que gostava muito*”, demonstrando nos relatos o ciclo de aluno e professor, aqueles professores que inspiram alunos a profissão docente. Podemos perceber no recorte da fala da professora Dione:

Já, porque esse problema assim de gostar tanto de História, por isso que digo que os professores eles, às vezes eles, despertam no aluno dele um gosto por alguma coisa, tive uma professora no colégio chamada Clotilde Maduro, era minha professora de História, e então, nessa época não gostava tanto assim de História mas ela forçava mesmo a gente estudar e quando



comecei a estudar me apaixonei por História, ela ensinava na época era a 7^a série, era História Geral me apaixonei por aquela História antiga, do Egito, História, me apaixonei por isso, resolvi que seria professora de História por causa dessa professora Clotilde Maduro. (Professora Dione Ferreira Pessoa, 2022.)

A história oral seguindo as ideias de Goodson, ainda na questão da voz, quando utilizamos enquanto metodologia de pesquisa, proporcionamos dois movimentos, ao professor/a que se percebe como sujeito de conhecimento, sua vida pessoal e profissional com valor histórico e educacional, assim como outros fatos históricos, e no momento das narrações os próprios narradores conseguem, na maioria das vezes, analisar sob suas experiências e o que se fala. Em nosso projeto de pesquisa, durante as narrativas, prezamos pela história narrada pelos professores. Diferente de uma entrevista, a história oral pode ter questões norteadoras e os pesquisadores devem ter conhecimento sobre a história sob o contexto histórico e temático que pode surgir durante a narrativa, como fonte de averiguação e construção de diálogo. Concordamos com Portelli quando ela comenta:

“A história oral, então, é primordialmente uma arte da escuta. Mesmo quando o diálogo permanece dentro da agenda original, os historiadores nem sempre estão cientes de que certas perguntas precisam ser feitas. É comum, aliás, que a informação mais importante se encontre para além daquilo que tanto o historiador quanto o narrador considerem historicamente relevante.” (PORTELLI, 2016, pág. 10)

O além, foi muito importante ser percebido durante a escuta no nosso projeto de pesquisa, principalmente ao ouvir as professoras, foi notório que as mulheres em sua trajetória docente tinham maiores dificuldades, pausas na carreira, não conseguir alcançar mestrado e doutorado, por questões relacionados ao gênero, em “obrigações do papel social da mulher” em ser a responsável pelos filhos e deveres do lar. Uma temática importante, que faz parte da história do ser professor, principalmente quando pensamos na quantidade de professoras e os níveis em que elas atuam na educação diferente dos professores. O pesquisador, tem um papel fundamental, a arte da escuta sensível, perceber os momentos de falar e pausar. Na primeira entrevista narrativa, a professora Aliny, já destacou elementos que vinham além da agenda do



pesquisador, segue trecho da narrativa da professora Miriam Silva que retrata as camadas de dificuldade da professora em busca construir uma carreira:

Eu digo isso porque, no início, quando dava aula no Ari Parreiras trabalhava todas as tardes até 17h30. Minhas filhas tinham aula até 17h da tarde e ficavam me esperando chegar até quinze para as seis. Elas ficavam, quase sempre quando eu ia pegar, as duas estavam do lado de fora, sozinhas, esperando. Então, elas se sacrificaram um pouco para a mãe ter uma carreira, porque eu não podia contar com ninguém. E, mesmo assim, diante dessas possibilidades, não desisti. E nisso tudo, meu marido, na época eu ganhava dois salários míimos, chegava e dizia para eu refletir se valia à pena tanto sacrifício, que estava fazendo minhas filhas passarem. E dizia para ele: “Você não entende. Não é pelo dinheiro, estou construindo uma profissão”. (Professora Miriam Soares de Oliveira e Silva)

Durante todo sua entrevista que durou 1 hora, a professora Miriam buscava caminhos para construir uma trajetória profissional, almejava doutorado, realizava diferentes concursos, mas por situações diversas em função do marido militar sempre se mudando de Estado, e a responsabilidade das filhas sempre ficar com ela levavam Miriam para outros caminhos. Miriam lutava diariamente entre o desejo de crescer profissionalmente e o destino familiar.

Ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, “a vida”, é de grande interesse quando os professores falam do seu trabalho. E, a um nível de senso comum, não considero este facto surpreendente. O que considero surpreendente, se não francamente injusto, é que durante tanto tempo os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes. (GOODSON, 2000, pág. 71)

Enquanto aluno de pedagogia, e participando pela primeira vez em um projeto de história oral, conhecer a trajetória docente da professora Miriam evidenciou camadas fundamentais para compreender o contexto histórico vivenciado pela professora, na sua infância e adolescência, o casamento com um militar que era do período do Regime Militar, enquanto ela professora de História tinha outros pensamentos. O movimento da história oral, consegue ascender para os professores

narradores e professores pesquisadores como as memórias, vivências e lembranças, tem suas relevâncias enquanto história e valor formativo. Para isso, a história oral também possui sua organização e planejamento prévio, antes de realizar as narrativas, termos de autorização de uso de imagem, áudio e vídeos, assim como ao finalizar as gravações e transcrições literais dos áudios para texto, os narradores têm acesso aos materiais para que possam consultar material, se autorizam o uso do que foi feito, mesmo com as autorizações assinadas, compreendemos que fazemos a pesquisa em conjunto e que nas gravações e textos escritos, não existem dados tabelados, mas histórias com valores simbólicos. Assim como foi conhecer um pouco da vida do professor de história Luciano:

Ferdinanda foi aquela orientadora da gente sentar logo cedo naqueles bancos do setor 6, do setor 2 né, já tarde da noite, por que tava correndo, trabalhando, porque assim, depois que comecei como professor na rede pública, mesmo sem ter concluindo o curso, também procurei a rede privada, e consegui algumas escolas, então podia até perder, perder uma disciplina por falta, mas não podia perder o salário por falta, então às escolas, mantinha vínculo com várias escolas, também , e tentava conciliar com a universidade, tentava conciliar com esse problema, da perda, da saudade do meu irmão, do trauma. (Professor Luciano)

O recorte da trajetória de vida do professor Luciano, e de tantos outros professores/as expressaram como o caminho que leva a construção do se tornar professor/a, caminha ao lado da vida privada, não tem como separar a vida privada da pública. Além das dificuldades, refletidas por lecionar a disciplina de história e ter que lecionar em diferentes escolas para conseguir ter carga horária e salário digno, durante sua trajetória, acabou perdendo seu irmão de forma trágica, assassinado, o que o fez refletir sua carreira, esticar o tempo de finalizar a faculdade e contou com a ajuda de professores que o incentivaram a continuar. Nos recortes da memória, compartilhadas entre professores e futuros professores que tiramos lições de vida, mas de compreender que o papel do professor/a, na trajetória de vida dos oito narradores vai muito além dos conteúdos, os professores/as têm um papel que é para a vida dos alunos nos momentos de dificuldades e alegrias.

Pensando, em todos os materiais produzidos no decorrer do projeto, oito



gravações em vídeo, áudio, transcrições literais, textualização e transcrições, o segundo movimento da pesquisa foi compartilhar esse material, com as devidas autorizações e revisões dos narradores, nas plataformas digitais⁹ do grupo de estudo da UFRN¹⁰ e da Rede de Trajetória Docente¹¹ que passamos a fazer parte, além desse ano 2024, promover junto a mestrandona Maria Eduarda, da professora Aliny entrevistas públicas com alguns desses narradores, revivendo essas entrevistas agora de forma de entrevista pública. Linda Shope comenta que a história pública se tornou elementar para a história oral por possibilitar uma função social, com objetivos visando o público, não apenas uma forma de arquivamento acadêmico. Para a autora, a história oral ampliou novas formas de investigação de forma colaborativa.

Dessa forma, com o acervo que o grupo vem construindo, buscamos compartilhar nas redes de internet, com outros pesquisadores e estudantes para estudo e pesquisa tornando ele acessível e com uma função acadêmica e social, em movimento, criando novas raízes. Buscamos ampliar as formas de se fazer, através da história pública dentro da pesquisa, trazendo as necessidades dos professores como norte para as investigações. Iniciamos, esse movimento, com as entrevistas públicas, até mesmo, como uma forma de apresentar para os alunos do campus - UFRN a metodologia da história pública e sua diversidade de desenvolver os temas de acordo com os objetivos e necessidades dos sujeitos ou grupos, como através da arte, fotográfica e palestras/rodas de conversa. A respeito da história oral e pública, Almeida diz que:

Questão fundamental para a história história oral e para a história pública é discutir as políticas de memória, em um esforço de “dever de memória”. Os acervos de história oral indicam a íntima e complexa relação entre história, memória e política; bem como a relação entre historiadores e políticas de memória. O trabalho de história oral promove interpretações sobre as formas pelas quais os participantes da pesquisa construíram e reconstruíram suas histórias. (ALMEIDA, 2018, pág. 107)

⁹ GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE/UFRN - <https://www.youtube.com/@gephed8674>.

¹⁰ ACERVO TRAJETÓRIA DOCENTES - <http://www.labhoi.uff.br/arquivo-sonoro/item/3719>.

¹¹ REDE DE TRAJETÓRIA DOCENTES - <https://www.youtube.com/@trajetoriasdocentes5225>.

Tanto a história oral quanto pública contribuíram de forma significativa na construção e reconstrução do projeto de pesquisa, junto com os narradores, e suas narrativas, podemos criar diferentes materiais de acordo com as necessidades dos professores e educadores, como uma ferramenta formadora, educativa, mas também reflexiva da carreira docente. A história oral que compreende o narrador e sua história de vida. A história oral é a história pública tecem caminhos paralelos, ao encontro da memória, criando novos encontros e proporcionando novas perspectivas ao estudo e pesquisa. No que diz respeito ao recorte inicial da pesquisa do projeto “Caminhos do ensino de História no Rio Grande do Norte: o saber e o fazer docente na educação básica (1970–2000)”, que guiou as pesquisas iniciais, demonstrou que ambas as formas de se fazer história, oral e pública, por mais que sejam metodologias distintas contribuem para a construção de uma pesquisa sensível, focada no ouvir, sentir, onde os narradores têm um papel ativo na pesquisa, não como um dado, mais um co-criador da sua história pessoal e profissional. Pranto et. all. (2023) comenta que no processo narrativo seja da história de vida ou profissional, ao relembrar, narrar, falar, o próprio narrador consegue, muitas vezes, compreender a si, suas escolhas profissionais, pausas na carreira, a entrevista de história oral possibilita uma escuta atenta, e essa momento formativo interno para quem narra e quem escuta.

Quando ampliamos para a história pública, tornando não apenas o material gravado, acessível, mas pensamos de que forma as histórias colhidas e compartilhadas podem ser melhor valorizadas como recurso formativo pedagógico, no nosso caso, forma nos formatos vídeo, áudio e textos (artigos), a princípio. O segundo movimento, a professora doutora Alinny Pranto junto a sua orientadora Maria Eduarda realizaram entrevistas públicas, trazendo a discussão, junto aos alunos de pedagogia e aos interessados, ampliando as possibilidades de se criar e compartilhar a história.

A história pública nos possibilita criar novas memórias e eternizar as memórias vividas pelos relatos da história oral. Lembramos que lidamos com memórias de pessoas, os contextos devem ser avaliados e averiguados como fatos históricos, válidos a reflexão do pesquisador que também tem seu papel crítico ao

que foi dito e ao não dito na entrevista de história oral, os silêncios, as “fugas” de algumas perguntas” tudo pode acontecer durante as entrevistas pois falar sobre si, não é um ato fácil, nem comum para alguns, até mesmo, considerado de valor de história.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A trajetória docente percorre diversas camadas, buscamos nesse artigo apresentar um recorte inicial através da história oral e pública, com a fala de professores reais que vivenciaram no Rio Grande do Norte no período ditatorial, demonstrando que as nuances do seu fazer docente enfrentou e enfrenta camadas ainda do passado. Podemos afirmar que não podemos separar o professor da sua vida pessoal, é como uma liga de inspiração que os move, que ouvimos em muitos relatos, sejam professores que incentivaram a ensinar, seja a perda trágica de um irmão que quase faz professor Luciano seguir outros caminhos, mas o guia para a educação mais fundo.

A história oral e pública possibilitaram que os professores/as percebem-se importantes no processo de ensino e história da educação, suas vivências e experiências tem um valor simbólico que contribuem para novas gerações que trazem um olhar acerca do fazer em sala de aula, mas também de identificação de trajetória de vida, trazendo reflexões políticas e sociais acerca do fazer e ser professor em nosso estado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juniele. O que a História oral ensina à História Pública? In: SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (Org.) **Que História Pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018.

GOODSON, Ivor F.. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (comp.). **Vidas de professores.** Portugal: Porto, 2000. p. 63-78.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom e BARBOSA, Fabíola Holanda. **História oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2015.

PEREIRA DE MEDEIROS PRANTO, Aliny Dayany; NASCIMENTO SULAIMAN, Samia; RABÉLO DE ALMEIDA, Juniele. Narrativas docentes para a formação inicial e continuada: a história oral no estudo das trajetórias docentes. **Revista Crítica Histórica**, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 45–61, 2023. DOI: 10.28998/rchv14n28.2023.0004. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/16286>. Acesso em: 14 dez. 2024.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e voz, 2016.

SHOPES, Linda. A evolução do relacionamento entre história oral e história pública. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.) **História pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

CAPISTRANO, Luciano [56 anos]. [novembro 2023]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 15 novembro 2023.

FERREIRA, Dione P. [73 anos]. [abril 2021]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 13 abril 2021.

SILVA, Miriam, S.O. [63 anos]. [março 2021]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 17 março 2021.